Capítulo X — A crucificação

> **Sumário.** As montanhas escolhidas para a execução dos criminosos. Com que fim. — Passagem de Quintiliano, de Valério Máximo, de Suetônio. Chegada dos condenados. — Ocupações dos carrascos. Os condenados deitados por terra e estendidos sobre suas cruzes. Forma da cruz. — Cinco espécies de cruz: a cruz simples, a cruz bifurcada, a cruz em aspa, a cruz embutida, a cruz elevada. — Qual foi a cruz do bom Ladrão. Sentimento de Tertuliano, de são Jerônimo, de são Paulino. — Razões misteriosas desse sentimento. — A forma da cruz perpetuada no T que inicia o cânon da missa. — Passagens de Inocêncio III, de Nicéforo e de Sandini.

Agora que o Calvário nos é conhecido, abordemos a santa colina e subamos até o cimo, no encalço dos três condenados que ali vão morrer. Donde vem que, em vez de uma planície ou de um vale, se escolhesse esse lugar elevado para a crucificação? Revelando-nos os usos dos povos antigos, a resposta a essa pergunta confirma, pelo testemunho da história profana, a narração da história sagrada. Além das razões misteriosas que, entre todos os lugares do mundo, fizeram preferir o Calvário para o suplício do Homem-Deus e de seus companheiros, há uma toda natural e tomada do costume geral da Antiguidade.

Com o fim de tornar salutar o espetáculo do mais cruel e do mais ignominioso dos suplícios, os povos de outrora tinham regulado que as cruzes dos malfeitores fossem plantadas nos lugares mais abertos, mais frequentados e de preferência no cimo das montanhas.

> *Todas as vezes — diz Quintiliano — que crucificamos criminosos, escolhemos as vias mais célebres, a fim de que o maior número possível seja testemunha desse espetáculo e dele se espante.*[1]

Valério Máximo conta assim a morte de Polícrates, tirano de Samos.

> *Inquieto com a felicidade constante de que gozara, esse príncipe quis, para prevenir o ciúme dos deuses, impor-se um sacrifício lançando ao mar uma pedra preciosa a que muito se apegava; mas, poucos dias depois, essa pedra foi reencontrada no corpo de um peixe. Tal foi a sua última felicidade. Enquanto meditava a conquista da Jônia, foi preso à traição por Orétes, sátrapa de*

> *Cambises, que o mandou crucificar no mais alto cume do monte Mícale, bem em frente de Samos.*[2]

Pelas mesmas razões dava-se às cruzes grande altura. Daí a cruel ironia do imperador Galba, referida por Suetônio:

> *Um condenado à morte implorava as leis e fazia valer o seu título de cidadão romano. Como para atendê-lo e adoçar-lhe o suplício, Galba ordenou que fosse crucificado numa cruz muito mais alta que as outras e vestido de uma túnica branca.*[3]

A altura excepcional da cruz devia proclamar a sua dignidade, e a túnica branca, vestimenta do cidadão romano, atrair particularmente sobre ele a atenção dos espectadores.

Entretanto Jesus, Dimas e seu companheiro chegam ao cimo do Calvário. Entre os soldados encarregados da execução, uns cavam as aberturas destinadas a receber o pé das cruzes; outros derrubam os condenados e os deitam sobre as cruzes presas às suas costas. Misterioso espetáculo!

> *No mesmo lugar — diz santo Agostinho — havia três cruzes. Numa, o ladrão predestinado; noutra, o ladrão réprobo; e na do meio, Jesus, que ia salvar um e condenar o outro. Que mais semelhante do que essas cruzes? Que mais dessemelhante do que esses crucificados!*[4]

Como acaba de dizer santo Agostinho, as três cruzes eram semelhantes; mas qual era a sua forma? Entre os antigos, a cruz, como instrumento de suplício, não era sempre nem em toda parte a mesma. Distinguem-se cinco espécies.

A cruz simples, *simplex*. Era um largo poste, no qual se fixava o culpado com pregos e a quem se fazia tomar a atitude, mais ou menos marcada, de um homem em cruz. Quando esse gênero de crucificação tinha lugar, o poste era às vezes tão pouco elevado que as feras podiam alcançar a vítima e dilacerá-la viva em seu instrumento de suplício. Temos dois exemplos célebres, um na Escritura, outro no martírio de santa Blandina. Tendo sido entregues sete filhos de Saul aos gabaonitas, estes os crucificaram. Resfa, sua mãe, instalou-se ao pé das cruzes e ali ficou dia e noite, para impedir que as aves de rapina e as feras carniceiras devorassem os seus infelizes filhos: *«e cuidou em que as aves os não despedaçassem de dia, nem as feras de noite.»*[5]

Falando da ilustre mártir de Lyon:

>

> *Blandina — diz Eusébio —, tendo sido atada a um poste, foi exposta às feras. A esse espetáculo, todos os que combatiam com ela retomaram novas forças. Sentiam-se cheios de uma alegria sobrenatural ao vê-la atada mais ou menos da mesma maneira que Jesus Cristo o foi à cruz. Tiraram um feliz presságio para a vitória do fato de que, sob a figura de sua irmã, lhes parecia enxergar Aquele que fora crucificado por eles. Assim, caminharam para a morte cheios da doce confiança de que quem morre pela glória de Jesus Cristo recebe uma nova vida no próprio seio do Deus vivo.*[6]

A cruz bifurcada, chamada *furca* porque tinha a forma de um forcado Y. Encontra-se muitas vezes empregada com os escravos. Um autor pagão, Apuleio, fala do mesmo gênero de cruz como instrumento de suplício para os culpados ordinários.[7]

A cruz *decussata*, isto é, em forma de aspa, representando a letra X. É vulgarmente conhecida sob o nome de Cruz de santo André, porque foi o instrumento em que o apóstolo da Acaia consumou o seu martírio.

A cruz *commissa*, cruz embutida e tendo a figura de nosso T maiúsculo, que não é outro senão o Tau dos gregos e dos antigos hebreus.

A cruz *immissa*, cruz elevada. É a nossa cruz ordinária, chamada cruz latina. Todos sabem que se compõe de uma haste ou tronco, cortada perto da parte superior por dois braços ou travessas †.[8]

De todas essas cruzes, qual serviu ao suplício de Nosso Senhor e de seus companheiros? A cruz embutida, respondem sem hesitar Tertuliano, são Jerônimo, são Paulino.

«A letra T dos gregos e dos latinos — diz o primeiro — é a figura da cruz.»[9]

O segundo:

> *No antigo alfabeto hebraico, de que ainda se servem os samaritanos, a última letra T é a figura da cruz.*[10]

O terceiro:

> *Nosso Senhor, sem o socorro de inumeráveis e corajosas legiões, mas com o misterioso instrumento da cruz, cuja figura é expressa pela letra grega T, e que representa o número trezentos, triunfou dos poderes inimigos.*[11]

O testemunho desses antigos Padres parece-nos, neste ponto, preferível ao sentimento de vários outros igualmente respeitáveis. Tais são são Justino, santo Irineu, santo Agostinho, que se inclinam para a cruz elevada;[12] eis as nossas razões. Até nos mais mínimos pormenores de sua paixão, Nosso Senhor cumpria todas as figuras e todas as profecias. Só depois de as ter realizado completamente é que disse: *«Tudo está cumprido.»*

Ora, a cruz embutida de que falamos realiza à letra duas grandes figuras proféticas. Nas palavras que citamos, Tertuliano faz alusão à passagem de Ezequiel em que o Senhor ordena que se marque com a letra T a fronte dos que deviam ser preservados do extermínio:

> *E o Senhor lhe disse: Passa ao través da cidade pelo meio de Jerusalém: e com hum Thau marca as testas dos homens que gemem, e que se doem de todas as abominações, que se fazem no meio d'ella.*[13]

O Tau é a figura material e misteriosa da cruz. Gravado na fronte dos habitantes de Jerusalém, salvava-os da morte temporal. Gravado na fronte dos cristãos, o Tau real os salva da morte eterna.

Eis outro mistério. Na numeração grega e hebraica, a letra T vale trezentos. Ora, com trezentos soldados, Gedeão triunfa do grande exército dos madianitas. Era de noite. Cada soldado levava um facho dentro de um vaso de barro. Ao sinal dado, todos os vasos são quebrados; os fachos resplandecem, a trombeta soa; o terror apodera-se dos inimigos, que fogem em desordem. Em meio às trevas do Calvário, o véu da humanidade que esconde a divindade de Nosso Senhor é rasgado pelas torturas da cruz. A divindade rebenta em milagres; e com o misterioso Tau, que vale trezentos, o verdadeiro Gedeão põe em fuga os poderes infernais.

A tradição sobre a verdadeira forma da cruz perpetuou-se num pormenor conhecido de poucos. Nos antigos missais, o T que inicia o cânon, *Te igitur, clementissime Pater*, é acompanhado de uma cruz pintada sob a própria letra: a figura e a realidade achavam-se assim confundidas. As edições modernas substituem a cruz por uma gravura representando Nosso Senhor na cruz, colocada invariavelmente no começo do cânon. Muito antes de nós, o douto Pamélio fez essa observação.[14]

Entretanto, vimo-lo, alguns Padres dão à cruz de Nosso Senhor a forma sob a qual a conhecemos. O papa Inocêncio III, falando no quarto concílio de Latrão, parece ter resolvido a questão.

> *O Tau — diz — é a última letra do alfabeto hebraico. Exprime a forma da cruz, tal como era antes que Pilatos a encimasse com o título de Nosso Senhor.*[15]

O historiador Nicéforo não é menos claro.

> *Por ocasião da invenção da santa Cruz, acharam-se três cruzes separadas e, além disso, a tabuinha branca em que Pilatos escrevera em várias línguas: Rei dos Judeus. Essa tabuinha, colocada acima da cabeça de Nosso Senhor, erguia-se em forma de coluna e proclamava que o crucificado era o Rei dos Judeus.*[16]

Enfim, o autor da glosa diz em termos próprios: *«O título colocado sobre a cruz formava-lhe o quarto braço.»*[17]

> *Isso posto — conclui Sandini —, a conciliação faz-se sem custo. Os Padres que dão à cruz dos condenados do Calvário a forma do T separam-na do título. Os que lhe dão quatro extremidades descrevem-na com o título; e falam indistintamente de uma e de outro.*[18]

A cruz é o mistério dos mistérios, o troféu do Filho de Deus, o instrumento bendito de nossa redenção, o sinal, cheio de terror para uns, de esperança para outros, que precederá o soberano Juiz quando, no último dia, descer do céu para dar a cada um segundo as suas obras, em presença de todas as nações reunidas: quem poderia achar longos os pormenores destinados a dá-la a conhecer, tal como o mundo a viu, tal como a tornará a ver?

Notas

[1] *Quoties noxios crucifigimus, celeberrimæ eliguntur viæ, ubi plurimi intueri, plurimi commoveri hoc metu possint.* («Todas as vezes que crucificamos culpados, escolhem-se as vias mais célebres, onde muitíssimos possam ver e muitíssimos se comover com esse temor.») *Declam.*, 275.

[2] *In excelsissimo Mycalensis montis vertice.* («No altíssimo cume do monte Mícale.») Liv. VI, último cap.

[3] *Irrisio Galbæ huc pertinuit, qui cuidam imploranti leges et civem Romanum se testificanti, quasi solatio et honore aliquo pœnam levaturus, mutari, multoque præ cæteris altiorem et dealbatum, statui crucem jussit.* («Pertence a isto a zombaria de Galba, que, a certo homem que implorava as leis e se declarava cidadão romano, como para aliviar a pena com algum consolo e honra, mandou que se mudasse e se erguesse uma cruz muito mais alta que as demais, e caiada de branco.») *In Galb.*, cap. IX.

[4] *Tres ergo cruces in loco uno erant. In una, latro liberandus; in alia, latro damnandus; in media, Christus alterum liberaturus, alterum damnaturus. Quid similius istis crucibus? quid dissimilius istis pendentibus?* («Havia, pois, três cruzes num só lugar. Numa, o ladrão a ser libertado; noutra, o ladrão a ser condenado; no meio, Cristo, que ia libertar um e condenar outro. Que mais semelhante do que essas cruzes? Que mais dessemelhante do que esses pendentes?») *Epist. ad Vincent.*, n.º 43, *Opp.*, t. II, p. 348, n.º 7, edição Gaume.

[5] *Aia... non dimisit aves lacerare eos per diem, neque bestias per noctem.* («... e cuidou em que as aves os não despedaçassem de dia, nem as feras de noite.») 2 Rs 21, 10.

[6] Carta das Igrejas de Viena e de Lyon, em Eusébio, *Hist.*, liv. V, cap. I.

[7] *Cum canes et volucres intima protrahunt viscera.* («Quando os cães e as aves arrastam as vísceras.») *Asin. aur.*, liv. VI, no fim.

[8] Ver Gretser, *De Cruce*, liv. I, cap. I; J. Lípsio, *De Cruce*, liv. I, cap. VI, VII, VIII, IX.

[9] *Ipsa est enim littera Græcorum Tau, nostra autem T species crucis.* («Essa é, com efeito, a letra grega *Tau*, e a nossa T é a imagem da cruz.») *Adv. Marcion.*, liv. III, cap. XXII, p. 813, edição Pamélio.

[10] *Antiquis Hebræorum litteris, quibus usque hodie utuntur Samaritani, extrema Tau littera crucis habet similitudinem.* («Nas antigas letras dos hebreus, de que ainda hoje se servem os samaritanos, a última letra, *Tau*, tem semelhança com a cruz.») *In Ezech.*, cap. IX, 4.

[11] *Christus non multitudine, nec virtute legionum, sed jam tum in sacramento crucis, cujus figura per litteram græcam T, numero trecentorum exprimitur, adversarios principes debellavit.* («Cristo, não pela multidão nem pelo valor de legiões, mas já então no sacramento da cruz, cuja figura se exprime pela letra grega T, no número de trezentos, debelou os príncipes adversários.») *Epist.* XXIV, *ad Severum*.

[12] Ver Sandini, *Hist. Famil. Sacræ*, p. 238, edição *in-32*. Gretser, liv. I, cap. III, p. 5.

[13] Ez 9, 4.

[14] *Hoc ipsum imitari videntur Patres nostri, dum in Missalibus antiquis initio canonis in littera T, ubi legitur: Te igitur, clementissime Pater, solent pictores exhibere crucem Christi; in cujus locum hodie successit ipsa crucis imago, pagina proxime præcedenti.* («Isto mesmo parecem imitar os nossos Padres, quando nos Missais antigos, no início do cânon, na letra T, onde se lê: *Te igitur, clementissime Pater*, os pintores costumam apresentar a cruz de Cristo; em cujo lugar hoje sucedeu a própria imagem da cruz, na página imediatamente anterior.») Sobre o cap. XXII de Tertuliano, *Adv. Marcion.*, nota 174, p. 829.

[15] *T est ultima littera hebraici alphabeti exprimens formam crucis, qualis erat antequam Domino crucifixo Pilatus titulum superponeret.* («T é a última letra do alfabeto hebraico, exprimindo a forma da cruz, tal como era antes que Pilatos, estando o Senhor crucificado, lhe sobrepusesse o título.») Em Labbe, *Conc.*, t. II, p. 133.

[16] *Tres sparsim disjunctæ cruces, et tabula præterea alba inventa, in qua diversis litteris Pilatus Regem Judæorum scripserat, eaque supra caput Christi collocata in morem columnæ, crucifixum illum Judæorum regem esse promulgarat.* («Acharam-se três cruzes separadas aqui e ali, e além disso uma tábua branca, na qual Pilatos escrevera, em letras diversas, Rei dos Judeus, e que, colocada sobre a cabeça de Cristo à maneira de coluna, promulgara ser aquele crucificado o rei

dos judeus.») *Hist.*, liv. VIII, cap. XXIX.

[17] *Tabulam supra crucem loco quarti brachii fuisse.* («Que a tábua esteve sobre a cruz em lugar de quarto braço.») *In Clement.*, *De summa Trinit.*

[18] *Quæ si ita sunt, facile Patres inter se conciliantur. Nimirum qui crucem Christi litteræ T similem adeoque commissam faciunt, crucem a tabula seu titulo instar columnæ cruci imposito sejunctam describunt: qui vero dicunt eam habuisse quatuor extremitates seu fines, ac proinde immissam fuisse, crucem cum tabula superposita conjungunt, et de utraque simul loquuntur.* («Se isto é assim, facilmente se conciliam os Padres entre si. Com efeito, os que fazem a cruz de Cristo semelhante à letra T e, portanto, embutida, descrevem a cruz separada da tábua ou título imposto à cruz à maneira de coluna; os que, porém, dizem que teve quatro extremidades ou fins, e portanto foi elevada, juntam a cruz com a tábua sobreposta e falam de ambas ao mesmo tempo.») Ubi supra, p. 239.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:56 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:56 by Admin